

MULHERES PIONEIRAS, MULHERES DE RENOME: AS ENGENHEIRAS AGRÔNOMAS PERNAMBUCANAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (Década de 40)

CONCEIÇÃO LOPES

Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco

1. TRANÇANDO OS FIOS NA RODA DE FIAR

Durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e estiveram, portanto, excluídas das narrativas dos historiadores. Neste sentido, o panorama da historiografia brasileira nas últimas décadas tem mudado significativamente, demonstrando a presença desses novos sujeitos, tratando não somente de dar visibilidade aos papéis das mulheres na história, mas, também, problematizando a história do cotidiano, as relações de poder, a educação, assim como os trabalhos de mulheres e homens.

Mesmo assim, a história das mulheres e das relações de gênero mantém-se como “um campo” na história profundamente ligado à história social e à história cultural, de cujas perspectivas tem se apropriado. A história das mulheres, de maneira geral, passou a constituir um importante recorte para análise, não somente útil, mas fundamental para a própria pesquisa histórica.

Neste sentido, há algum tempo nos dedicamos a buscar pistas, vestígios e indícios que vêm permitindo transpor as dificuldades para recuperar o grupo das primeiras mulheres que optaram por ingressar e concluir o Curso de Agronomia na então Escola Superior de Agricultura (ESA), posteriormente denominada Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

O desenvolvimento desta pesquisa em nossa prática bibliotecária vem se aliar ao fato do compartilhar ações com a Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, grupo singular formado por 30 imortais, que representam a memória viva da Ciência

Trabalho apresentado no XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, realizado no período de 08 a 11 de julho de 2007, em Brasília/DF, Brasil. Pesquisa que se encontra em andamento.

Agronômica no Estado. Portanto, em nosso dia-a-dia, vivenciamos, praticamos, resgatamos e preservamos a memória individual e coletiva da Agronomia estadual e, a partir dela, buscamos compreender cada um desses personagens em relação à sua história e, principalmente, em relação ao grupo ao qual pertence e ao seu lugar na rede social.

Os primeiros resultados desta pesquisa trazem à luz, além da identificação de cada uma das pioneiras da década de 40 do século passado, o resgate do histórico dessas mulheres. Seus objetivos, seus ancestrais, sua família e os grupos dos quais participaram, as instituições onde desenvolveram suas atividades profissionais. Resgata, de certa forma, a própria Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, da qual uma dessas pioneiras é imortal.

Assim, identificamos as cinco mulheres que, adiante do seu tempo, freqüentaram as bancas do Curso de Agronomia naquela década. Infelizmente, duas delas, já não se encontram em nosso convívio e, metaforicamente, tais quais fios partidos, deixam um hiato nessa reconstrução. Os resultados dos nossos primeiros encontros/entrevistas, através das lembranças, levaram-nos a captar o significado mais profundo das memórias de duas dessas Engenheiras Agrônomas que concluíram o Curso de Agronomia nos anos de 1948 e 1949. Para dar continuidade à pesquisa, outra entrevista encontra-se agendada com a terceira representante, que também colou grau no ano de 1948.

Mesmo com fios que podem arrebentar à evocação de tempos passados e de momentos vividos, acreditamos que essas memórias, através dos relatos das histórias de vida dessas pioneiras que atentamente escutamos, compreendem “a lembrança pura, que se atualiza na imagem-lembrança, pois resgata a consciência de um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida” (Bosi, 2003).

Ousadia e inovação formam o fio condutor, instrumento dessa reconstrução. Com ele, tal qual uma fiandeira que gosta de contar histórias, enquanto estamos na roda de fiar, começamos a trançar com 05 fios de formatos, texturas e cores diferentes. E, em conjunto com essas mulheres, trago-as ao olhar contemporâneo como modelos de papéis femininos por considerar que a divulgação das suas histórias de vida e de seus feitos forma uma história singular que merece se tornar de domínio público.

2. UM NOVELO METAFÓRICO ENCONTRA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Retomamos esse fio condutor, que perpassa a vida e a história da UFRPE, e, conseqüentemente, do Curso de Agronomia e nos leva a um exercício inicial de reflexão acerca das teias invisíveis da Comunicação, da História e da Memória com a Ciência da Informação, e sobre como tecemos com elas, muitas vezes sem perceber, inúmeras relações.

Percebemos, então, que tudo está entrelaçado com o contemporâneo, com o novo, com a tecnologia. Percebemos, também, como num diálogo entre tempos, espaços, temas e indivíduos no contexto desta pesquisa, entrecruzam-se o olhar da Ciência da Informação com o da Ciência do Comportamento Humano que, instalados num tempo e espaço delimitados, estabelecem duas formas de comunicação: a verbal e a não verbal.

Desta forma, persistimos firmes e incansáveis desenrolando o fio que nos permite adentrar mais uma vez no labirinto desta memória feminina, que representa parte da memória institucional, para lembrar o passado vivendo o presente com muito mais emoção. Metaforicamente, enquanto bibliotecária, de posse desse novelo, transmutamos nossas atividades usuais de preparação, armazenamento da informação e, sobretudo, de circulação do conhecimento para assumir outro papel ao colher a informação em sua essência nas narrativas dessas mulheres.

A informação oral, um dos objetos da Ciência da Informação, nesta pesquisa é também objeto desse processo interativo real entre essas pioneiras, a biblioteca, e o profissional da informação, a mediadora. Nesse sentido, apesar da era tecnológica, é inimaginável o ser humano sem linguagem, sem meios para lembrar, narrar e reestruturar experiências e pontos de vista passados e presentes.

O memorial tecido com os fios que formam esse novelo de lembranças abriga a essência dessas Engenheiras Agrônomas – o que foram e o que são – suas memórias, novas e velhas, constituem objeto de estudo incluso no processo de construção, circulação e uso dessa informação, através da apropriação e reapropriação pela comunidade usuária da área da Ciência Agronômica e – por que não – daqueles usuários que formam a Ciência da Informação.

3. NO PRIMEIRO FIO, A MULHER E A EDUCAÇÃO

Neste sentido, ao retomar a educação feminina no século XIX, percebemos que ela tomou impulso na constituição de um novo campo de trabalho para a jovem da

classe média: o ensino primário. Inicialmente, o ensino era uma esfera de atividade masculina, mesmo porque, até o início do século XX, um conjunto de medidas legais restringia o acesso das mulheres às escolas, e, portanto, à habilitação profissional. Apenas em 1827, surgiu a primeira regulamentação que permitia às mulheres freqüentarem o ensino elementar, mas apenas esse.

A partir das primeiras Escolas Normais, fundadas na Bahia, em 1835 e em São Paulo, em 1836, o ensino de formação para o magistério foi reorganizado, aceitando-se a participação feminina, desde que com um currículo específico que incluísse bordado branco em filó, de matizes, flores de contas, aplicações e cortes de roupas brancas lisas. No entanto, apesar da excelência de algumas escolas que já apareciam, alguns pais retiravam suas filhas, pois ainda consideravam que elas deveriam estar aptas apenas para o casamento, convictos de que esta era a opção de futuro mais adequada às mulheres. Esse contexto demonstra o descaso no que se refere às potencialidades femininas da época.

Como em muitas partes do país e do mundo, as mulheres pernambucanas, em especial as recifenses, que perseguiam seus propósitos, eram alvo de críticas ao pretenderem continuar seus estudos além do Magistério, considerado, à época, a profissão destinada às mulheres, que desejassem ingressarem num curso superior.

Tal mudança de atitude coincidiu com a chegada do século XX, que trouxe em seu bojo uma série de mudanças e quebras de paradigmas, tanto no âmbito socioeconômico, como no das profissões. Uma das mais significativas nos países ocidentais foi, sem dúvida, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, impulsionado, de certa forma, pelas Grandes Guerras Mundiais, que, ao exigirem a presença dos homens nos campos de batalha, deixaram às mulheres o encargo de assumirem tarefas fora do lar. Conforme dados apresentados por Barroso (1991), na década de 40, no Brasil, apenas 9% das mulheres possuíam ou cursavam o ensino superior.

Acerca das cinco mulheres, que compõem essa primeira etapa da pesquisa, nosso olhar utiliza uma nova lente, através da qual enxergamos a ação, o cotidiano, as regras não ditas, a vida. O resultado tem sido muito interessante, pois fica evidente o intenso relacionamento do gênero com a política, com as hierarquias sociais, com os contextos econômicos e a sua participação nos eventos históricos, como protagonistas anônimas, ratificando o pensamento de Vainfas (2003).

Observamos, através de suas narrativas, as mudanças sutis ocorridas com o ingresso dessas primeiras alunas no âmbito da Universidade, sobretudo, no que diz respeito ao comportamento dos alunos, seus colegas de turma, e dos professores, seus contemporâneos.

4. NO FIO SEGUINTE, O ENSINO DA AGRONOMIA NO BRASIL

Os primeiros passos para a instituição do ensino agrícola superior no Brasil foram dados no período do Brasil Colônia. Dom João VI criou dois cursos práticos para agricultura, o primeiro em 1812 na Bahia e o segundo em 1814 no Rio de Janeiro. Em 23 de junho de 1875, foi criada a Imperial Escola Agrícola da Bahia. A segunda Escola de Agricultura e Veterinária de nível superior a funcionar no Brasil, com certa regularidade, foi a de Pelotas, no Rio Grande do Sul, fundada em 1833, por decreto imperial e que recebeu o nome Imperial Escola de Veterinária e Agricultura. Foi nessa escola onde a primeira mulher diplomou-se em Agronomia no Brasil, no ano de 1915¹.

No Estado de São Paulo, o ensino das Ciências Agrárias, em nível superior, teve início em 1814, na Escola Politécnica, que, ao lado dos cursos de formação de engenheiros civis, engenheiros industriais e engenheiros geógrafos, implantou, também, o de engenheiros agrônomos, diplomando 23 desses profissionais até 1910, quando o curso foi desativado. A missão de formar especialistas na área da agronomia naquele Estado passou a outra instituição, com a criação em Piracicaba, em 1900, da Escola Agrícola Prática São João da Montanha. No ano seguinte, em 19 de março de 1901, esta escola alterava sua denominação para Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”, hoje Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”.

Alguns anos depois, em 1908, no triângulo mineiro, surgia a Escola Superior de Agricultura de Lavras. Voltando ao eixo Rio/São Paulo, em 1910, surgia, no estado do Rio de Janeiro, a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária – ESAMV, que passou a se denominar Escola Nacional de Agronomia, originando, posteriormente, em 1943, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ².

¹ Feito histórico na história educacional do país, na Escola de Agricultura e Veterinária de Pelotas, colou grau a primeira Engenheira Agrônoma do Brasil, a paranaense, Dra. Maria Eulália da Costa.

² Foi na então Escola Nacional de Agronomia, célula *mater* da UFRRJ, que colou grau Dra. Evangelina Meira, mais uma Engenheira Agrônoma brasileira, dessa feita, no ano de 1939, a primeira mulher a se formar em Agronomia no Estado do Rio de Janeiro.

Na mesma perspectiva, foi criada a Escola Superior de Agricultura de Viçosa, em 1926.

Em Pernambuco, a primeira Escola dedicada ao ensino da Agronomia foi criada em 1909, vinculada à Escola de Engenharia de Pernambuco, e se denominava Escola de Agronomia de Socorro³. Os Monges Beneditinos Dom Plácido de Oliveira, Dom Bento Pickel e Dom Pedro Bandeira de Melo, liderados pelo Abade do Mosteiro de São Bento, Dom Pedro Roeser, no dia 03 de novembro de 1912, lançaram a pedra fundamental, e deram início à construção dos alicerces para um novo edifício escolar. Desta forma, no anexo ao Mosteiro de São Bento, em Olinda, ocupando o referido prédio, teve início mais um curso de Agronomia, dessa feita, ao lado do curso de Medicina Veterinária, sob a denominação de “Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento”.



Passados 95 anos da criação dos Cursos de Ciências Agrárias, em Pernambuco, marcados por mudanças temporais, espaciais, institucionais e de denominação, atualmente, denominada de Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, o Curso de Agronomia está intimamente ligado à história institucional, vigorando até os dias atuais sem interrupção. Oferta vagas no *campus* na Cidade do Recife e nas Unidades Acadêmicas de Garanhuns e Serra Talhada, atendendo à demanda das regiões Agreste e Sertão de Pernambuco.

³ A história da Escola de Agronomia de Socorro tem sido, também, objeto de pesquisa do Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, localizado na Biblioteca Central da UFRPE, no intuito de complementar o resgate da memória dos Engenheiros Agrônomos formados no Estado de Pernambuco. Sabe-se que a Escola de Agronomia de Socorro formou turmas nos anos de 1914 a 1918, 1922 e 1927. No entanto, nenhuma mulher integrou suas bancas de estudo.

Um detalhe de suma importância a ser observado é que os primeiros cursos da área das Ciências Agrárias no Brasil foram considerados pela sociedade como dirigido aos homens. Constituíam, portanto, profissões que as mulheres não deveriam seguir, segundo os padrões educacionais da época, perpassados pela família, pela escola e por outras instituições sociais e meios de comunicação. Reduto masculino, como observa Queiroz (2001), a Agronomia foi apropriada e – por que não afirmar – reapropriada pelas mulheres, que superaram os mitos da fragilidade feminina e de serem menos capazes para exercê-la.

Esses entrelaçamentos da história, educação e memória servem bem aos propósitos da problemática colocada por este grupo de mulheres que, metaforicamente, sentadas em torno de uma roda de fiar, narram suas trajetórias e enfatizam a escrita da história da Ciência Agrônoma pernambucana no feminino.

5. NA RODA DE FIAR, MEMÓRIAS, LEMBRANÇAS E RELEMBRANÇAS

Imaginamos, nesse primeiro momento, uma roda de fiar, muitos fios e 03 fiandeiras: uma que escuta e duas que narram. Fiar e tecer é a tônica do momento. Fiar é um verbo que tem diversos significados, como o de vender a crédito, ou acreditar na palavra de alguém. Mas fiar também significa fazer fio, no sentido de enrolar fibras, como as de algodão, linho ou lã em um fio, linha ou cordão usado para tecer. Essa tradição deixada pelas nossas antepassadas que, em grupos de mulheres e crianças, sentados em círculo, transformavam as fibras em pastas, passando-as na roca, transformando-as em fios, tem sido, metaforicamente, retomada nos últimos tempos com esse grupo das pioneiras.

Utilizamos a metáfora das fiandeiras dos tempos imemoriais, que se reuniam no espaço privado, levando os fios ao tear, onde os transformavam em colchas, cobertores, toalhas, tapetes e peças do vestuário, para fazer uma analogia do singular encontro



com essas 02 primeiras mulheres na faixa etária dos oitenta anos. Estas, há tempos, quebraram as amarras do privado e lançaram seus fios no espaço público, trançando novas tramas e revelando novos relacionamentos: um surpreendente e rico encontro histórico entre passado e presente.

O interesse das mulheres pela Agronomia, apesar de parecer esquisito para a época – década de 1940 – era encarado com alguma tolerância. Originárias de famílias tradicionais e pertencendo à elite econômica e intelectual da sociedade pernambucana, nossas pioneiras se beneficiaram do fato de, para elas, ser natural a obtenção de uma formação superior. Contudo, em quase todos os casos, o apoio da família constituiu forte incentivo à continuidade dos estudos.

Para elas, freqüentar um curso universitário era propício. Ousadas, nem precisaram recorrer à influência de parentes ou amigos próximos para manter contato com a Agronomia, a fim de conseguir avançar em seus ideais. Todas buscaram alinhar aos seus desejos pessoais à vontade de transpor barreiras e enfrentar o que até então era domínio estritamente masculino, tanto no âmbito da Escola Superior de Agricultura, quanto no cenário trabalhista propriamente dito.

A trajetória das Engenheiras Agrônomas no Brasil, como vimos, teve início em 1915, em Pelotas, Rio Grande do Sul. Em Pernambuco, a primeira mulher colou grau como Engenheira Agrônoma no ano de 1944, pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco – ESAP, vinte e oito anos após a colação do primeiro Engenheiro Agrônomo⁴.

6. PRIMEIRO TRANÇADO, RESULTADOS INICIAIS

Até o presente momento, como resultado parcial, do total dessas cinco pioneiras no exercício da profissão de Engenheira Agrônoma no Estado de Pernambuco, dispomos do currículo de todas, aliados a dois depoimentos obtidos através de entrevistas realizadas no Núcleo do Conhecimento da Biblioteca Central da UFRPE, sede da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. Rendemos nossas homenagens às memórias daquelas que se foram, deixando saudade, e, como recurso para resgatá-las, no momento, dispomos dos currículos de ambas e do contato com a filha de uma delas.

⁴ Nesse período, ou seja, dos anos de 1916 a 1943, os primeiros 27 anos de existência do Curso de Agronomia em Pernambuco colaram grau, 219 Engenheiros Agrônomos, todos do sexo masculino. Dessa forma, podemos observar o hiato de tempo existente entre a primeira Engenheira Agrônoma brasileira, de origem paranaense, formada em 1915 na Escola de Agricultura e Veterinária de Pelotas, RS e a primeira Engenheira Agrônoma pernambucana, formada em 1944.

Sendo assim, no grupo das Engenheiras Agrônomas da década de 1940, contamos com cinco representantes. A primeira chamava-se Ester Sara Feldmus, *in memorian*. Foi a primeira mulher a obter título de Engenheira Agrônoma em Pernambuco. Integrou uma turma formada por 22 alunos, sendo a única representante feminina, e colou grau no ano de 1944.

A seu respeito, temos poucas informações. Sabemos, no entanto, que era de origem judia, e sua entrada na Escola causou certo burburinho entre os alunos matriculados. Atuou como Engenheira Agrônoma dos Moinhos Recife e da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária – IPA.

A segunda representante da década de 40, Sara Botler, *in memorian*, nasceu em 1923, no Recife, Pernambuco. Foi, também, a única mulher a integrar a turma que colou grau em 1945, composta também por 22 alunos. Após a conclusão do curso de graduação, continuou seus estudos, obtendo o título de Mestre na Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos da América. Exerceu atividades técnicas no Ministério da Agricultura e, como Pesquisadora do CNPq, publicou 37 trabalhos de pesquisa na área de cana-de-açúcar, feijão macassar e abacaxicultura. Maiores informações sobre essa representante serão obtidas através de entrevista marcada com sua filha, que, certamente, enriquecerão nosso estudo.

Nossa terceira representante é Maria Celene Ferreira Cardoso de Almeda, 81 anos, cuja entrevista/depoimento enriqueceu as informações que já constavam do Currículo. De origem portuguesa, nasceu em Aveiro, Portugal, em 14 de junho de 1926. Veio para o Recife aos dois anos de idade, naturalizando-se brasileira. Integrou uma turma composta por 40 alunos, sendo 38 deles do sexo masculino.

Infelizmente, a grande cheia que se abateu sobre a Cidade do Recife, em 1975, destruiu a maioria dos álbuns de fotografias dessa nossa entrevistada, deixando um espaço em aberto nas imagens que retratavam aqueles momentos inesquecíveis até hoje guardados na lembrança.

Terceira mulher a colar grau como Engenheira Agrônoma no estado, concluiu o curso de graduação no ano de 1948. Continuou seus estudos, fez cursos de pós-graduação na Venezuela sobre Educação Agropecuária e na Universidade de Porto Rico na área de Extensão Agropecuária.



Fotografia 1. — Maria Celene no tempo de estudante, em 1946, rodeada pelos colegas. (Foto: autor desconhecido)



Fotografia 2. — Maria Celene na Colação de grau, em 1948. (Foto: autor desconhecido)

Professora, Maria Celene exerceu o magistério na Universidade Federal Rural de Pernambuco e ocupou diversos cargos e funções na Secretaria de Agricultura Indústria e Comercio de Pernambuco.

Esta pioneira apresenta uma peculiaridade. Ao regressar de Porto Rico, após realizar Curso de Pós-Graduação, trouxe consigo algumas sementes de uma pequenina fruta denominada “cereja das antilhas”, a chamada Acerola, que, plantada no campus da UFRPE, em Dois Irmãos, Recife, Pernambuco, logo se difundiu para todo o território nacional. Cabe, então, a essa Engenheira Agrônoma pernambucana o título de introdutora dessa fruta rica em vitamina C no Brasil.

Dinâmica desde os tempos de estudante, Maria Celene sempre se mostrou preocupada com a situação feminina na sociedade da época. De vanguarda, enquanto ainda cursava o 3º ano de Agronomia, escreveu o artigo “A mulher e a profissão agrônoma”, cuja pretensão era motivar a comunidade feminina a seguir a carreira da Agronomia, vencendo os preconceitos da sociedade.

Este artigo foi publicado na Revista de Agricultura, n.1, julho/agosto de 1947, editada pelo Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia.

Em 1998, foi homenageada pela Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma com o Diploma de Mérito Agrônomo, pelos 50 anos de atividades profissionais.

Titular da cadeira nº 28, é imortal da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma desde 2006.



Fotografia 3. — Maria Celene, Membro da Comissão Organizadora da Exposição de Animais, durante abertura da Solenidade, Parque de Exposição do Cordeiro, em 1950, Recife – PE. (Foto: autor desconhecido)



Fotografia 4. — Maria Celene durante a solenidade de outorga do Diploma de Mérito Agrônômico. (Foto: autor desconhecido)



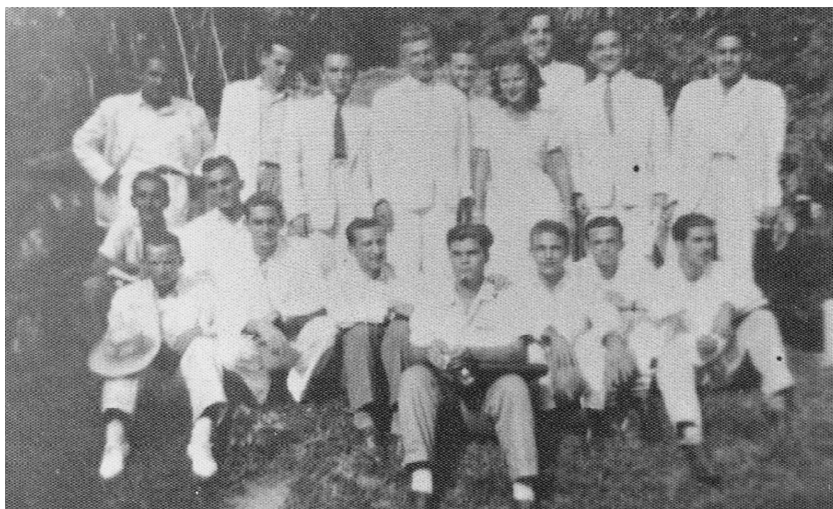
Fotografia 5. — Maria Celene durante reunião mensal da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica – julho de 2006. (Foto: Conceição Lopes)

Quarta mulher a concluir o curso de Agronomia na Escola Superior de Agricultura de Pernambuco – ESAP, Sônia Artigas de Oliveira, 82 anos, em breve será entrevistada. Nascida na cidade do Recife, Pernambuco, em 25 de outubro de 1925, foi colega de turma de Maria Celene Almeda, participando com ela da turma composta por mais 38 alunos do sexo masculino, colando grau no ano de 1948.

Essa Engenheira Agrônoma exerceu atividades no Departamento de Produção Vegetal da Secretaria de Indústria e Comércio de Pernambuco, na área de fruticultura, dedicando-se, posteriormente, à pesquisa de produção de sementes, tornando-se uma renomada pesquisadora da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária – IPA. Produziu diversos trabalhos publicados em periódicos da área.

No momento atual, deixamos de incluir o material visual da Engenheira Agrônoma Sônia Artigas, fotografias que esperamos obter durante a entrevista que já se encontra agendada com a mesma.

A última representante da década de 40 é Tereza de Jesus Correia Gayão Loreto, 81 anos, nascida em 27 de outubro de 1926, no Recife, Pernambuco. Durante entrevista, falou apaixonadamente sobre o porquê da sua opção pelo curso de Agronomia. Formada em uma turma composta por 21 alunos, na qual era a única representante do sexo feminino, colou grau no ano de 1949.



Fotografia 6. — Tereza Gayão ao lado dos colegas da turma de 1946. (Foto: autor desconhecido)



Fotografia 7. — Tereza Gayão durante a solenidade de formatura em 1949.
(Foto: autor desconhecido)

Laureada da turma, recebeu como prêmio sua nomeação como Engenheira Agrônoma para a Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária – IPA.

Posteriormente, aprovada em concurso público, foi nomeada para o Ministério da Agricultura, sendo, anos após, selecionada para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA.



Fotografia 8. — Estação Experimental de Palmares. (Foto: autor desconhecido)

Pesquisadora Assistente e Pesquisadora Orientadora do CNPq, desenvolveu e coordenou pesquisas nas áreas de Fitopatologia, Microbiologia, Botânica e Entomologia. É autora de diversos trabalhos científicos.



Fotografia 9. — Tereza Gayão ao lado Pesquisador Dr. Mário Coelho no Instituto Agrônomo do Nordeste em 1953. (Foto: autor desconhecido)

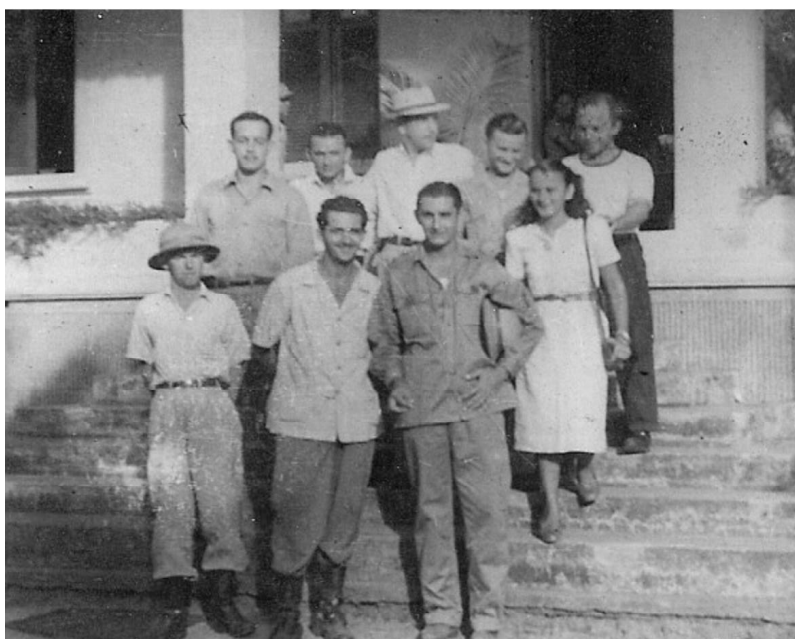


Fotografia 10. — Tereza Gayão durante atividade de campo em 1956. (Foto: autor desconhecido)



Fotografia 11. — Tereza Gayão no arado na Usina Pedrosa. (Foto: autor desconhecido)

Em sua rememoração, Tereza Gayão, repleta de emoção, resgata lembranças e imagens inesquecíveis e traz à tona fotografias de momentos vividos no Engenho Tapera.



Fotografia 12. — Tereza Gayão no Engenho Tapera, ano de 1948. (Foto: autor desconhecido)

Engenheira renomada e reconhecida nacionalmente e internacionalmente pelas pesquisas desenvolvidas, Tereza Gayão, recebeu diversos títulos e homenagens, dentre eles, o Diploma de Mérito Agrônomo, outorgado pela Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma, em 2005, pelos 50 anos de atividades profissionais. Na fotografia a seguir, estão presentes, ao seu lado esquerdo, dois de seus colegas de turma do Curso de Agronomia – os Engenheiros Agrônomos Antonio Ribeiro Godoy e Hélvio Queiroz de Azevedo – ambos titulares da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma.



Fotografia 13. — Tereza Gayão durante homenagem de Mérito Agrônomo, ao lado dos seus pares da Agronomia Pernambucana. (Foto: autor desconhecido)

7. NA RODA DE FIAR, TECERAM COM CLIO E REMEMORAM COM MNEMÓSINE

Como considerações parciais, baseadas nos documentos históricos e nos depoimentos dos Acadêmicos da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma, podemos observar que a presença feminina no curso de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco durante os primeiros vinte e oito anos inexistiu. Da relação de concluintes do Curso de Agronomia, de 1916 a 1943, não consta o nome de nenhuma mulher. A primeira concluinte aparece somente no ano de 1944.

A partir daí, começa o lento crescimento do número de mulheres na Agronomia estadual, fato que se acentua a partir da década de setenta. Percebemos, também, que essas primeiras mulheres tiveram uma participação de suma importância na história da Ciência Agrônoma, pois representaram e continuam a representar modelos de papéis femininos que valem a pena serem expostos aos olhares da atualidade.

Consideramos, por fim, que o resgate e a divulgação de suas histórias de vida e de seus feitos podem contribuir para disseminação do conhecimento gerado pelas mulheres na Ciência Agrônoma pernambucana. Assim, metaforicamente, sentada em torno da roda de fiar, lado a lado, com essas mulheres, trançando nossos fios, passamos a ouvi-las. Ouvimos suas histórias, seus silêncios, o dito e o não dito. Enfim, aos poucos, juntas, tecemos a história da Agronomia Pernambucana, com os delicados e, ao mesmo tempo, fortes fios dessas pioneiras de renome. Na roda de fiar, essa narrativa continua a avançar no tempo, em direção à década de 50.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, C., MELLO, G. A participação da mulher no desenvolvimento científico. Cadernos de Pesquisa, n. 15. São Paulo. Fundação Carlos Chagas. 1991. pp.50-56.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo. Ateliê Editorial. 2003.

PLAQUETE comemorativa do cinquentenário da Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco (1912-1962). Recife. Imprensa Universitária da UFRPE. 1962.

QUEIROZ, D. O acesso ao ensino superior: gênero e raça. Caderno CRH 34:175-197. 2001.